

O CARNAVAL AXÉ-NKENDA E A MARCHA DAS MULHERES NEGRAS 2015: UMA REFLEXÃO DESDE A PERSPECTIVA FEMINISTA NEGRA¹

Rosália de Oliveira Lemos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

E-mail: rosalialemos@gmail.com

Resumo: Neste artigo, apresento a pesquisa desenvolvida com feministas negras que usaram o desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, cujo enredo homenageava Nelson Mandela, como estratégia para dar visibilidade à *Marcha das Mulheres Negras 2015 Contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver*. As metodologias adotadas foram a pesquisa ativista e a análise do discurso político. Inicialmente, apresento reflexões sobre a realidade das mulheres negras no Brasil. Em seguida, discuto a Marcha das Mulheres Negras 2015. Já na terceira parte, os resultados da pesquisa são apresentados.

Palavras Chaves: feminismo negro; marcha das mulheres negras 2015; carnaval.

Abstract: In this article, I present the research developed with Black female feminists who used the Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense's parade, whose plot paid tribute to Nelson Mandela, as a strategy to give visibility to the *March 2015 Black Women Against Racism and Violence and for Good Living*. The methodologies adopted were the activist research and analysis of political discourse. Initially, I present reflections on the reality of black women in Brazil; then the March of Black Women 2015 is discussed. In the third part, the results of research that demonstrated the success of the initiative are presented.

Key words: black feminism; march of Black women 2015; carnival.

1 Agradeço a Adriana Baptista, a Ana Beatriz Onça, a Aparecida Vicente dos Santos, a Claudia Vitalino, a Dolores Lima, a Jurema Werneck, a Lúcia Xavier, a Luciane Rocha e a Rosilene Torquato, que participaram como colaboradoras da pesquisa ao responderem o questionário proposto.

Introdução

As mulheres negras, ao longo da história do Brasil, têm sido protagonistas de diversas formas de resistência e de superação que incluem desde a manutenção do núcleo familiar no período escravista até ações políticas na atualidade que buscam melhorar as condições de vida da comunidade negra; eliminar as iniquidades presentes em diversos indicadores sociais; e suplantar o sexismo e as opressões de raça, classe e orientação sexual. Elas lutam, em suma, por dignidade e cidadania plena em uma sociedade que, segundo Gonzalez (1984), é neurótica.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 1984, p. 225).

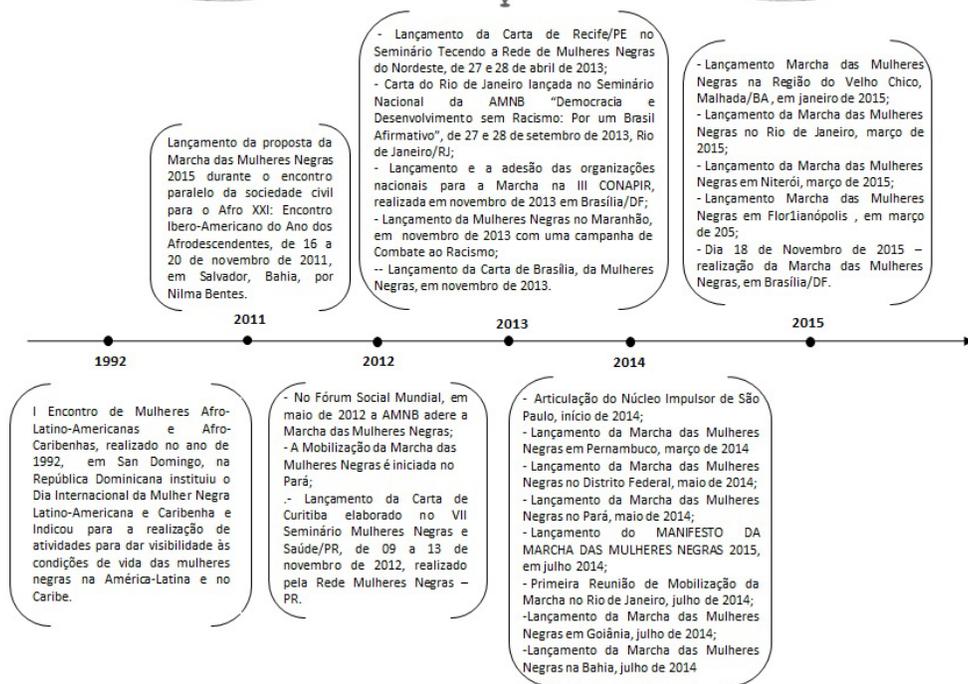
Opondo-se à lógica da dominação aludida por Gonzalez (1984), as mulheres negras brasileiras, buscando expor os contextos adversos vividos no Brasil, propuseram a realização da *Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver*², a qual ocorreu em 18 de novembro, em Brasília. Um manifesto, divulgado no dia 25 de julho de 2014, com vistas à mobilização e à denúncia contra a situação social, política, econômica e cultural vivenciada pelas negras brasileiras, apresentava os seus objetivos:

Nesta data vimos visibilizar a incidência do racismo e do sexismo em nossas vidas, assim como as nossas estratégias de sobrevivência, nosso legado ancestral e nossos projetos de futuro e afirmar que a continuidade de nossa comunidade, da nossa cultura e dos nossos saberes se deve única e exclusivamente, a nós, mulheres negras. Transcorrido esse marco histórico e a atualidade de nossas lutas, nos valem do Dia da Mulher Afrolatinoamericana e Afrocaribenha para anunciar a realização da *Marcha das Mulheres Negras 2015 Contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver*, que realizaremos em 13 de maio do próximo ano, em Brasília. (MANIFESTO, 2014, p. 01).

O evento foi liderado por mulheres negras que, em várias partes do Brasil, discutiram, avaliaram e sugeriram políticas públicas que potencializassem suas vidas. Na linha do tempo, a seguir, a movimentação que ocorreu no país está resumida.

2 Será adotada a abreviação *Marcha das Mulheres Negras 2015*.

LINHA DO TEMPO - MARCHA DAS MULHERES NEGRA 2015



Fonte: (LEMOS, 2016, p. 334)

As atividades de mobilização priorizaram a formação política, a proposição de políticas públicas locais e a realização de eventos para elevação da autoestima.

Neste artigo, apresento uma atividade de divulgação da Marcha das Mulheres Negras 2015. O faço a partir da pesquisa desenvolvida com feministas negras que usaram o desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, no Carnaval de 2015, como estratégia para dar-lhe visibilidade. O enredo do Grêmio foi denominado *Axé- Nkenda, Um Ritual de Liberdade*, o qual homenageava Nelson Mandela.

A metodologia adotada foi a pesquisa ativista. Essa metodologia surgiu no contexto reflexivo sobre o papel das instituições acadêmicas, pleiteando que elas: 1) incorporassem os saberes produzidos fora dos muros institucionais que refletissem a realidade de povos oprimidos pelo sistema capitalista pós-colonial; 2) e discutissem a influência do neoliberalismo na vida das pessoas (D’SOUZA, 2010).

Seguindo as reflexões de Radha D'Souza (2010), na formulação da pesquisa, além de reafirmar o compromisso com a construção de conhecimentos científicos a partir das experiências de opressão, de desigualdades e de injustiças, procurei fazer o registro histórico de exemplos de formas de resistência negra através da teorização de uma ação política contra o racismo, o sexismo, a violência contra a mulheres negras e pelo bem viver.

É importante destacar que as ativistas, a partir de suas próprias histórias, atuaram com vistas a ressignificar um lugar da exclusão, transformando-o em espaço de luta e de práticas emancipatórias e em cenário para reflexões teóricas e produção de conhecimento.

Com o objetivo de resgatar o significado do desfile para as ativistas, elaborei um questionário aberto que foi enviado através de redes sociais e por e-mail para vinte e seis delas (com as quais sempre mantinha contato, em um universo de trinta e seis). Fiz ainda contato telefônico, quando necessário.

As colaboradoras da pesquisa são portadoras de um discurso político construído nas vivências das intersecções de raça, gênero, classe, orientação sexual e demais forças que estruturam o racismo, o sexismo, os preconceitos e as discriminações. Assim, seus modos de ver o mundo e de observar sua inserção em uma determinada prática cultural ou política derivam de diferentes concepções que são pontos de partida para o engajamento em ações que visam transformar nossa sociedade.

Para o tratamento dos dados, recorri à análise do discurso que, para Orlandi (2001, p. 15),

como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem [e a mulher³] falando.

Associada à análise do discurso, a análise do discurso político foi utilizada, uma vez que, de acordo com Charaudeau (2008, p. 42-43),

O discurso é constitutivo do político. Ele está intrinsecamente ligado à organização da vida do social como governo e como discussão, para melhor ou pior. Ele é, ao mesmo tempo, lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação, o que tornaria mais justo falar de discursos do conceito político do que do discurso político.

3 No texto original não consta a referência à mulher, mas adicionei para seguir a atualização na perspectiva de gênero.

O tratamento das respostas ao questionário faz parte da análise das percepções individuais das feministas negras entrevistadas, a qual será exposta na terceira parte deste artigo.

A seguir, apresento a Marcha das Mulheres Negra 2015.

Marcha das Mulheres Negras 2015

A gestação de uma proposta que mobilizasse mulheres negras no país aconteceu em 1992, após o I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, realizado em San Domingo, na República Dominicana, com presença de representação de mulheres negras de 70 países. Naquela oportunidade, o dia 25 de julho foi instituído como o Dia das Mulheres Negras da América Latina e do Caribe. A data foi criada para dar visibilidade às demandas políticas e às lutas da população negra nos países da região, com ênfase nas desigualdades de gênero, de raça, de orientação sexual, religiosa e de classe.

Dados de 2011 informam que cerca de 80 milhões de mulheres negras vivem nos territórios da América Latina e no Caribe que, historicamente, têm sido marcadas pela exploração e opressão, como ocorreu com o longo período do escravismo e, como se mantém na atualidade, com o sistema capitalista, mantendo expressivas desigualdades econômicas, raciais e de gênero. Por outro, a memória de lutas de mulheres negras fortalece as mulheres negras da atualidade, levando conhecimento e inspiração para lutar em defesa de uma sociedade mais igualitária. A Marcha das Mulheres Negras 2015 resulta desse processo de luta de visibilidade e afirmação das mulheres negras em toda América latino-caribenha e a partir da luta histórica das mulheres negras no Brasil. (CUNHÃ, 2014).

A Marcha das Mulheres Negras 2015 foi motivada ainda por outras experiências similares ocorridos no Brasil. Em 1988, foi realizada a Marcha Contra o Racismo, que promoveu mudanças no modelo identitário adotado até então. Outras iniciativas, como as Marchas Zumbi dos Palmares – Contra a Abolição, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, ocorridas em 1995 e 2005, contribuíram para ampliar o leque de reivindicações de políticas públicas para a população negra. De acordo com Nascimento (2008), tratam-se de marcos para a expansão de reivindicações de políticas de combate ao racismo e promoção da igualdade racial, com grande pressão sobre as instituições do Estado brasileiro. Nessas iniciativas, no entanto, se observou o caráter generalista das reivindicações e o escasso protagonismo das afrodescendentes. Fato não verificado na Marcha das Mulheres Negras 2015, que envolveu um número maior de instituições de mulheres negras de diferentes regiões do

Brasil, contando com um coletivo mais fortalecido e com maior autonomia em relação aos movimentos negros e aos demais movimentos feministas.

Durante a organização da Marcha das Mulheres Negras 2015 foi significativa a atuação de novas lideranças do segmento da juventude negra presentes em diferentes frentes de ativismo, o resgate de ativistas e de organizações que estavam inativas e que perceberam a importância de se rearticular e a criação de novas organizações.

Este amadurecimento e fortalecimento político foram decorrentes do acúmulo obtido na participação em três Conferências Nacionais de Políticas para as Mulheres (2004, 2007, 2011), somado ao capital cultural adquirido quando da participação em outras três Conferências Nacionais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2005, 2009 e 2013). Ainda neste cenário de empoderamento, vale citar a mobilização e participação na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (THOMAS e NASCIMENTO, 2003), que aconteceu em Durban, África do Sul, no ano de 2001. Nesses eventos, as mulheres negras discutiram, avaliaram e propuseram políticas públicas para potencializar suas vidas e a da comunidade negra como um todo e renovaram os discursos, as pautas de luta e as estratégias de atuação para atingir as transformações almejadas.

Como consequência do processo de amadurecimento houve a incorporação do conceito de *bem viver* que, segundo **Gudynas** e Acosta (2012)⁴, tem origem no início do século XXI, entre os povos do Equador e da Bolívia. É um conceito em construção, com distintas influências, que vão desde aquelas promovidas pela reflexão acadêmica às práticas dos movimentos sociais. Resulta de uma recuperação de saberes e sensibilidades próprias de alguns povos indígenas, constituindo-se em uma reação ao desenvolvimentismo convencional. Dessa maneira, ficam afastadas as ideias ocidentais convencionais de progresso e são construídas novas concepções sobre o que seja uma vida boa, incluindo uma especial atenção à natureza.

Ao ressignificar o conceito de *bem viver*, as mulheres negras brasileiras, em seu *Manifesto*, afirmaram que permanecem sendo a base para o desenvolvimento econômico e político do Brasil sem que os produtos do seu trabalho sejam revertidos em seu benefício. Denunciaram que vivem a face mais perversa do racismo e do sexismo por serem negras e mulheres e que são alvo de discriminações de toda ordem, o que limita gerações e gerações de mulheres negras a desfrutarem aquilo que produzem (MANIFESTO, 2014).

4 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507956-a-renovacao-da-critica-ao-desenvolvimento-e-o-bem-viver-como-alternativa>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

O *Manifesto* afirma também que, mesmo diante de um quadro de mobilidade social pela via do consumo que se desenhou nos últimos anos, as estruturas de desigualdades de raça e de gênero se mantêm por meio da concentração de poder racial, patriarcal e sexista. Essas desigualdades impedem o desenvolvimento e a disputa de espaços públicos, como deveria ser a máxima de uma sociedade justa, democrática e solidária. Além disso, o *Manifesto* repudia o fato de as mulheres negras serem vistas como objeto de consumo e como cobaias da indústria de cosméticos, da moda e farmacêutica (MANIFESTO, 2014).

Vale observar que o *Manifesto* não se reporta ao feminismo negro. Esta ausência pode indicar que o acúmulo do tema, no passar dos tempos, não foi suficiente para sua incorporação no discurso das ativistas que, inicialmente, propuseram a Marcha. Contudo, ele foi incorporado ao longo do processo de organização do evento através da adesão das feministas negras, indicando a potência, a abrangência e a influência delas.

É necessário lembrar a participação de mulheres negras sem vinculação institucional na organização da Marcha. A cultura patriarcal ainda determina que são essas mulheres as responsáveis pelo cuidado de crianças e idosos. Neste processo, elas estabelecem elos diretos com os problemas relacionados ao uso dos equipamentos sociais e ao acesso às políticas públicas. Esta experiência de vida gera um senso crítico da realidade e das necessidades de mudanças e readequações de políticas públicas sem necessariamente passarem pela militância formalizada em organizações.

A Marcha buscou afirmar o protagonismo das mulheres negras e a perplexidade diante da extrema desigualdade. Para assegurar maior visibilidade para o evento, suas organizadoras participaram do desfile de uma das grandes escolas de samba no carnaval do estado do Rio de Janeiro que anualmente acontece na Avenida Marquês de Sapucaí.

As análises sobre essa participação foram feitas a partir do questionário preenchido, o qual teve 35% de retorno. No momento do exame dos dados observou-se a coexistência de diversas visões de mundo e de diferentes percepções das ações políticas. Também coexistiram pensamentos que viajam por situações que, aparentemente, são vivenciadas de maneira similar, mas que guardam significativas singularidades.

Pensamento e ser habitam um único espaço, que somos nós mesmos. Mesmo quando pensamos, também temos fome e ódio, adoecemos ou amamos, e a consciência está misturada ao ser; mesmo ao contemplarmos o “real”, sentimos a nossa própria realidade palpável. De tal modo que os problemas que as “matérias-

primas” apresentam ao pensamento consistem, com frequência, exatamente em suas qualidades muito ativas, indicativas e invasoras. Porque o diálogo entre a consciência e o ser torna-se cada vez mais complexo – inclusive atinge imediatamente uma ordem diferente de complexidade, que apresenta uma ordem diferente de problemas epistemológicos – quando a consciência crítica está atuando sobre uma matéria-prima feita de seu próprio material: artefatos intelectuais, relações sociais, o fato histórico (THOMPSON, 1981, p. 27).

A seguir, serão apresentadas as análises das falas das entrevistadas sobre a participação no desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense.

Sobre o carnaval e o desfile⁵

A origem não elitizada do Carnaval foi destacada por Adriana, para quem trata-se de “*uma festa de origem popular*”. Cabe ressaltar que no pós-abolição, quando a população negra, sem qualquer política de incentivo e de apoio à sua sobrevivência, buscou meios alternativos de vida, as mulheres negras aprimoraram o papel de mantenedora da família, da cultural e da religião frente a uma nova conjuntura política (MOURA, 1995).

A inserção no samba demarcou o seu papel histórico, fazendo com que elas alcançassem grande influência e prestígio no processo de instauração do carnaval no Rio de Janeiro. Uma das mulheres negras mais influentes na criação desta festa foi, sem dúvida alguma, Tia Ciata. Porém, como bem destacou Dolores, observou-se ao longo do tempo uma perda de poder das mulheres negras sobre o Carnaval, o qual passou a simbolizar “*o cartão postal da permissividade do corpo da mulher negra*.” Comentando sobre essa questão na tese *O Samba Segundo as Lalodês: Mulheres negras e a cultura midiática*, Jurema Werneck chama a atenção para alguns aspectos importantes:

A atuação das mulheres negras no campo da cultura significou a sua participação nas diferentes articulações e formulações no campo da música negra, garantindo a inserção protagônica também nos espaços e ações que deram origem ao samba. No entanto, nas articulações e ações que determinaram ao samba a ocupação de espaços privilegiados na indústria cultural, e na cultura como um todo, do país, diferentes fatores concorreram para a destituição das mulheres negras de seu papel central, pelo menos naqueles espaços que implicavam a circulação do samba como produto dotado de valor de venda e capaz de conferir prestígio social. Esta destituição não foi suficiente para a sua exclusão completa deste ambiente, mas determinaram uma invisibilização que requisitou mudanças na sua forma de inserção e participação. (WERNECK, 2007, p. 104).

5 As colaboradoras da pesquisa estão identificadas pelo primeiro nome.

A autora desenvolveu a pesquisa analisando as obras de Alcione, Leci Brandão e Jovelina Pérola Negra, a partir de aspectos de gênero e raça, e reconheceu que o protagonismo das mulheres negras é visível até os dias atuais, apesar de observar a diminuição do mesmo:

O samba seria afirmado como produto negro que participa das disputas pela hegemonia no âmbito da cultura e que ocupa posições instáveis na mídia e na indústria cultural em decorrência do vigor da atuação do capitalismo racista e patriarcal. Este investe principalmente na produção e reiteração de estereótipos acerca das mulheres negras e não apenas elas, como ferramenta na disputa pelo poder simbólico de definição do que é o samba e a cultura onde se origina, mas também quais os sujeitos que serão valorizados em seu percurso, especialmente os homens brancos. Nestas disputas, as mulheres negras ocuparão diferentes posições, recorrendo aos elementos da tradição para legitimar antigos e novos posicionamentos, mas que, em determinada medida, manterá graus de protagonismo até os dias atuais. (WERNECK, 2007, p. 281).

No *Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia*, a jornalista Angélica Basthi (2011) analisou a presença da mulher negra no Carnaval e ressaltou os estereótipos propagados nas imagens do evento:

As mulheres negras e indígenas continuam invisibilizadas, sem usufruir o direito a ter suas opiniões veiculadas e ocupando os espaços socialmente naturalizados como, por exemplo, por meio de imagens subalternizadas ou exóticas (e, no caso das mulheres negras, contextualizadas no universo do samba e do carnaval e/ou na pele das “sensuais mulatas”). Essas mulheres permanecem recebendo um tratamento desigual por serem mulheres, negras e indígenas. São silenciadas seja por serem consideradas intelectual ou esteticamente inferiores, seja porque estão limitadas ao imaginário exótico ou porque estão presas ao mito da sexualidade exacerbada. (BASTHI, 2011, p. 42).

As entrevistadas destacaram que a invisibilidade do conjunto da população negra na mídia e a profusão de imagens estereotipadas no Carnaval como um dos grandes problemas atuais. Claudia, taxativamente, afirma: “*Sendo bem sucinta eu vejo a invisibilidade dos negros deste processo.*” Já Bia acredita que essa questão “*tem sido modificada ao longo dos anos por diversas instâncias políticas de governo, e cada vez mais, vejo a população [negra] longe dos eventos proporcionados para a população em geral.*”

A percepção do evento como um espaço lúdico onde ocorre manifestação do poder das culturas negras também está presente na fala das ativistas. Sucintamente, Luciene diz que “*Além de ser animado, e divertido.*” Jurema considera que é “*um dos momentos privilegiados de alegria e expressão*”, pois ele fala “*da forma como a cultura negra hegemonizou a cultura brasileira, deslocando o carnaval europeu e inserindo nele as formas culturais negras (religião, culinária,*

dança, canto, percussão etc”. Lúcia, por sua vez, lembra que é “*um dos maiores eventos turísticos do Brasil. (...), as escolas de samba são uma representação das culturas afro-brasileiras.*”

De acordo com Viscardi, Sottani e Silva (2013, p. 13),

Através do carnaval o povo brasileiro se expressa. A partir desse rito, inverso da realidade cotidiana, no qual a aparente liberdade permite que os desejos reprimidos pela “dura vida” sejam revelados, podemos observar diversos aspectos sociais e culturais que são representativos da identidade nacional. Essa representação da identidade e cultura nacionais, entretanto, precisa ser problematizada à luz da crescente comercialização do carnaval, em especial enquanto poderoso produto midiático para a indústria cultural que rege a Sociedade do Espetáculo. À visão possivelmente romântica de um momento do ano em que todos são iguais e o que se expressa é pura cultura, contrapõe-se, na contemporaneidade, um festejo com diversas nuances capitalistas, em especial a sua invasão pela lógica mercantil da Indústria Cultural.

De fato, o carnaval, com o passar dos tempos, se converteu, em certa medida, em um evento de mercado que favorece os mais ricos, como destaca Adriana quando diz que “*há muito tempo, virou um grande negócio para a classe dominante.*” Essa crítica está ausente na avaliação de Rosilene que considera o carnaval um gerador de rendimentos para uma vasta parcela da sociedade. Falando desde uma perspectiva integracionista, para ela trata-se de uma “ *festa que aglomera muitas pessoas com as diversas diferenças sociais, raça, religião, nacionalidade entre outras. Nesse momento todos querem se divertir, brincar.*”

A percepção da exclusão e da manifestação do racismo encontradas nas análises de Jurema, Lúcia e Luciene demonstra que a visão romântica em relação ao carnaval já não é preponderante. Lélia Gonzalez (1984) discorreu sobre o fetiche do carnaval, relacionando-o ao mito da democracia racial. Para ela,

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeuamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeuamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALEZ, 1984, p. 228).

Para a autora, é no momento do Carnaval que o mito da democracia racial se revela acentuadamente e desnuda o papel dúbio da mulher negra em uma sociedade regida pela *neurose cultural brasileira*.

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Neste sentido, o debate da categoria mulata em Gonzalez (1982) é fundamental para entendermos o papel das mulheres negras no contexto do carnaval que, em função da diminuição de seu protagonismo, ficaram sujeitas a um tipo de veiculação de sua imagem que reforça os estereótipos associados à sexualidade e à permissividade do seu corpo. Esse tipo de análise sobre a representação do corpo da mulher negra também aparecerá nas falas das nossas entrevistadas, como veremos a seguir.

Sobre o corpo da mulher negra

Para Jurema, o papel desempenhado pelas mulheres negras no Carnaval é contraditório. De um lado ele demarca o protagonismo da presença negra, mas, por outro lado, expressa a influência do racismo presente no poder do capital e na mídia. Ela afirma que as negras *“Estão lá para marcar a presença negra, a tradição negra. E, ao mesmo tempo, são empurradas para as margens pelo racismo midiático e mercadológico.”* Lúcia complementa esse raciocínio destacando o pouco poder político e financeiro que as negras possuem nas agremiações carnavalescas. Tal fato termina influenciando, como lembrou Adriana, na sua substituição por celebridades midiáticas: *“As mulheres negras no desfile das grandes escolas, apesar de ainda exercerem um forte papel na mídia internacional, onde têm o corpo explorado como produto erótico, perderam o papel de protagonista como rainha de bateria, hoje ocupado por atrizes globais.”*

Se a perda do protagonismo é mais do que evidente, isso não implica na eliminação da expropriação do corpo da mulher negra. Esse corpo continua tendo um apelo bastante perceptível quando se vê a cobertura do carnaval feita pela mídia nacional e internacional. O Estado brasileiro em muito contribui para isso através da atuação de órgãos como a Embratur, criado em 1966, em pleno governo militar. Naquele contexto, a mulher negra brasileira foi utilizada para marcar, no exterior, a imagem do Brasil como país tropical no qual predominava a democracia racial.

Preocupados com a imagem do Brasil no exterior, comprometida com as denúncias sobre a tortura, repressão, sequestro e assassinatos junto à população civil, o governo brasileiro necessitava urgentemente criar outra imagem, cujo apelativo recaiu sobre a mulher brasileira; aproveitando da natureza, do sol, do mar e do fetiche de mulheres sedutoras dançando no carnaval do Rio de Janeiro. Com apoio da EMBRATUR, fez-se a divulgação da imagem do Brasil para o exterior, criando um material iconográfico de alto padrão gráfico, acompanhado de uma folheteria específica para a exportação do imaginário brasileiro, lastreada no conjunto de um discurso ufanista que levou o Estado fascista a naturalizar o absurdo. (SANTOS FILHO, 2008, p. 03).

Em contrapartida ao senso comum em relação às mulheres negras no carnaval, definida como a *mulata sedutora*, a Marcha das Mulheres Negras 2015 serviu-se do desfile como estratégia para dar visibilidade a essas mulheres como atrizes políticas. Assim, a participação no desfile *Axé- Nkenda, Um Ritual de Liberdade*, tornou possível a divulgação para milhões de domicílios, no Brasil e no mundo, de uma imagem diferente da mulher negra.

Figura 01. Dia da entrega das fantasias na sede da ONG CRIOLA



Foto: Ignez Teixeira, Sede da ONG Criola, em 14/02/2015

As razões para participar do desfile

Segundo Jurema Werneck, a proposta de inserir uma ala sobre da Marcha das Mulheres Negras 2015 teve origem em um convite pessoal dirigido à Organização Não-Governamental Criola para participar do desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense.

Grande parte das mulheres negras que participou estava estreando no desfile daquela agremiação.

A motivação, quase unânime, foi a de colaborar para a visibilidade da Marcha das Mulheres Negras 2015. Na visão de várias entrevistadas, o espaço era privilegiado para a propagação do protagonismo feminino e negro nas lutas sociais e nas denúncias dos diferentes processos de violência a que as mulheres negras estão submetidas. Como destacou Adriana: *“Foi a possibilidade de ajudar a dar visibilidade à Marcha das Mulheres Negras, nosso protagonismo nas lutas e denunciar os diferentes processos de violência na qual somos submetidas invariavelmente. Fazer parte daquele desfile, vestidas e empunhando uma bandeira de afirmação e resistência, não teve preço! Foi histórico!”*

A relevância no aspecto individual e coletivo, agregada à altivez e afetividade ao ter a Marquês de Sapucaí como palco de ação política das mulheres negras brasileiras, foi destacada por Adriana e Aparecida. Bia, nesse mesmo diapasão, afirma que *“A minha [motivação] foi estar com mulheres [com quem] aprendi a ter leituras da vida e da militância de forma brilhante como você, Rosália (sou fã), Jurema, Regina, Clátia, Claudia Pons, No Homero, Joselina e demais mulheres negras de luta e com todo arcabouço teórico e de militância que devemos respeitar e admirar. Ficará na minha história este ato que vejo como um sonho. Já Luciene destaca que a sua motivação foi “estar perto de mulheres negras lutadoras num momento histórico importante no ativismo de mulheres negras.”*

Figura 02 – O dia do desfile



Fonte: Luiz Silveira, 16/02/2015

Os sentimentos no dia do desfile oficial e no Desfile das Campeãs⁶

Os sentimentos vivenciados descritos pelas colaboradoras da pesquisa quando da participação no desfile envolveram empoderamento, orgulho e responsabilidade. Para Adriana, *“Foi um momento mágico! Ao desfilar, dá para ver bem de perto a cara da plateia do maior espetáculo da terra, que é branca e estrangeira, pois o povo, para assistir, disputa espaço nas arquibancadas que não tem uma visão privilegiada. Entre aplausos e olhares curiosos, o recado estava dado ao mundo: nós mulheres negras vamos marchar para cobrar providências e denunciar todas as formas de violências pelas quais passamos e exigir nossos direitos.”*

Bia, por sua vez, destacou a tensão diante da responsabilidade, principalmente no primeiro dia: *“Eu sempre desfilei desde muito pequena, mas desfilar com esta responsabilidade e com mulheres negras poderosas foi tenso e de responsabilidade (principalmente no primeiro dia). Já no desfile das campeãs foi mais tranquilo e de festa que conseguimos voltar no sábado.”* A mesma preocupação foi descrita por Jurema, uma vez que erros são fatais para a harmonia da agremiação: *“Fiquei muito contente por desfilar (gosto de carnaval), mas principalmente de representar a Marcha no desfile. Nos dois dias foi a mesma alegria. Mas no primeiro dia estava preocupada para que não cometêssemos erros que prejudicassem a escola.”*

A sensação de empoderamento foi destacada por Luciene, que considerou este momento histórico: *“Minhas emoções foram diferentes nos 3 dias de desfile. No ensaio, a sensação foi a de empoderamento, pois recebemos calorosos aplausos do público preto que enchia a arquibancada livre de pagamento. Para mim, o momento histórico foi ali.”* Para Dolores, todos os dias foram emocionantes pela história que aquele grupo de militantes construiu como estratégia, muito mais do que o envolvimento com o espetáculo.

Para Adriana, desfilar foi um momento mágico que permitiu expressar as lutas das mulheres negras. Ela, ao mesmo tempo, fez críticas ao território segregado, pois os melhores espaços no Sambódromo são ocupados por plateia branca e estrangeira, enquanto o povo disputa espaço nas arquibancadas desde onde não têm uma visão privilegiada. Rosilene foi outra entrevistada que falou sobre esse assunto. Para ela, foi um *“turbilhão de emoções (...) foi maravilhoso; uma emoção muito grande. Pena que foi tão rápido. Senti como se fosse uma atriz (...) fazendo parte de um grande ato teatral. Estar no meio das mulheres que representam as mulheres de diversos estados foi magnífico. E o enredo falando de*

6 Desfile das campeãs acontece depois da apuração dos votos e as seis melhores escolas de samba se prepararam para voltar ao Sambódromo no sábado seguinte.

Mandela tudo a ver com o nosso movimento de resistência e de resgate dos valores da negritude e saberes desse povo.”

O sentimento de indignação com o racismo e com o sexismo, assim como o sentido de responsabilidade de representar milhões de mulheres negras, foi identificado no depoimento de Luciane. A insensibilidade dos olhares brancos a deixavam com raiva. Por esta razão, seu sentimento foi de indiferença no Desfile das Campeãs.

No dia de desfile, estar segurando a faixa me fez ter a responsabilidade de representar milhões de mulheres negras que sofrem racismo e sexismo e precisam ter a vida econômica e a educação que queiram. Contudo, os olhares brancos vazios e indiferentes me deixavam com raiva. A mesma raiva que sinto ao ouvir expressões racistas. Não vi solidariedade ali. E não sei se nossa ala funcionou além da função de ser inovação e surpresa para que a Imperatriz fosse uma das primeiras colocadas no carnaval carioca. Assim, no desfile das campeãs, minha participação foi somente para me despedir do carnaval.

Visibilidade e felicidade foram outras expressões que apareceram no estudo. Claudia, Jurema e Rosilene salientaram o *contentamento* em desfilar. Entenderam que representar a Marcha foi significativo. Além disso, destacaram o enredo homenageando Nelson Mandela, relevante devido à relação entre a luta deste líder africano contra o apartheid e a atuação do movimento de resistência e de resgate dos valores da negritude no Brasil.

Os sentimentos descritos, de certa forma, são diferentes em alguns detalhes ideológicos. No entanto, vale destacar que o prazer em ser protagonista de um momento importante para as mulheres negras no Brasil foi o que preponderou entre as colaboradoras da pesquisa.

Considero, concordando com a maioria das colaboradoras da pesquisa, que a participação das mulheres negras no desfile foi uma ação política, não existindo a expectativa de obtenção de qualquer título. O que motivou a participação foi a oportunidade de contribuir para a visibilidade da Marcha das Mulheres Negras 2015, objetivo este que foi alcançado.

A seguir, apresento uma última questão: o significado do desfile para o combate ao racismo e para as mulheres negras segundo a percepção das entrevistadas.

○ significado do desfile

Segundo Adriana, Jurema, Rosilene e Claudia o desfile potencializou o objetivo de denunciar ao mundo a luta das mulheres e a capacidade de resistência delas. O poder da mídia global é relevante e, se bem utilizado, pode

se tornar um grande aliado da luta das mulheres negras no Brasil. Assim, a visibilidade da Marcha foi atingida ao ter o seu slogan impresso em uma faixa exposta em inúmeros veículos de comunicação nacionais e internacionais. Foi possível politizar o desfile e demarcar a presença das mulheres negras em um território no qual a beleza branca é enaltecida e a negra é estereotipada ou sexualizada, como destacou Dolores Lima.

A celebração da aliança das mulheres negras na luta contra o racismo e a sedimentação das parcerias a partir de algo bom e bonito, como o desfile na Marques de Sapucaí, foram destacadas por Jurema. Ela também salientou que o desfile pode ter sido um modo de sensibilizar as que assistiram para participar da Marcha. De fato, as mulheres negras brasileiras aceitaram o convite, e mais de 50 mil marcharam em Brasília. Expressando uma visão diametralmente oposta, Luciene disse que considerou que em nada o desfile contribuiu para o combate ao racismo, tendo representado apenas duas horas de festa para as mulheres negras.

Considerações Finais

Refletir sobre a participação de mulheres negras no desfile do GRES Imperatriz Leopoldinense, no carnaval 2015 – uma estratégia para dar visibilidade à Marcha das Mulheres Negras 2015 no carnaval – foi um exercício instigante do ponto de vista político e acadêmico.

A participação delas no desfile permitiu chamar atenção para as demandas de uma parcela da população alijada do poder que, muitas vezes, é invisibilizada ou estereotipada no carnaval. Foi uma demonstração de capacidade de articulação, de parceria e de aliança entre mulheres negras para atingir os seus objetivos. Ao dar mais visibilidade à organização da Marcha das Mulheres Negras 2015, o desfile contribuiu para a mobilização de inúmeras mulheres negras nacionalmente.

Ainda que a ressignificação do papel da mulher negra nesta prática cultural tenha sido pontual e restrita ao GRES Imperatriz Leopoldinense, vale destacar o acolhimento e a adesão à luta política feminista negra em um espaço que, tradicionalmente, associa essa parcela da população aos estereótipos de sensualidade e de disponibilidade sexual. Assim, naquele contexto, as mulheres negras extrapolaram o papel de *mulata* que é historicamente intensificado e renovado durante o período de carnaval.

O enfrentamento ao racismo e ao sexismo tem sido um guia para as ativistas negras nos seus esforços de desconstruir uma sociedade segregada

fundada em bases racistas e sexistas. Em 2015 uma etapa foi vencida quando a Marcha das Mulheres Negras 2015 foi estabelecida como mais um marco político para a comunidade negra. Um marco político que, a partir das atividades desenvolvidas em todas as regiões do Brasil, fortaleceu os feminismos negros; gerou a sensibilização de gestores quanto à necessidade de implementação de políticas públicas com recorte de gênero e raça em municípios onde o atendimento às demandas das mulheres negras era inexistente; contribuiu para o amadurecimento na resolução de conflitos entre as ativistas; e favoreceu a renovação do protagonismo político, com a atualização de uma pauta de reivindicações que garantam transformações nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais.

A despeito das forças reacionárias hoje presentes nos poderes legislativo e executivo, a Marcha revigorou o espírito de luta, assim como o poder de articulação coletiva das mulheres negras na busca de uma sociedade pautada na erradicação das iniquidades.

Referências

- BASTHI, A. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia. Brasília:** ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas; Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia, 2011.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso Político.** São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHÃ. Marcha das Mulheres Negras Brasileiras será lançada na Paraíba nesta sexta. Disponível em: <<http://www.cunhanfeminista.org.br/marcha-das-mulheres-negras-brasileiras-sera-lancada-na-paraiba-nesta-sexta-26/>>. Acesso em: 19 de maio de 2014.
- D'SOUZA, R. As prisões do conhecimento: pesquisa ativista e revolução na era da “globalização”. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje.** São Paulo: ANPOCS, 1984.
- _____. **A Mulher Negra na Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- LEMONS, R. O. **Do Estatuto da Igualdade Racial à Marcha das Mulheres Negras 2015: uma Análise das Feministas Negras Brasileiras sobre Políticas Públicas.** Niterói. Tese (Doutorado) – Política Social. Universidade Federal Fluminense, 2016.

- MANIFESTO DAS MULHERES NEGRAS 2015 CONTRA O RACISMO E A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER, datilo, 2014.
- MOURA, R. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995.
- NASCIMENTO, A. Os manifestos, o debate público e a proposta de cotas. **Lugar Comum**, n. 23-24, jan 2006/abr 2008.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- SOUZA, S. J.; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, v. 7, n. 2, 2012.
- SPM. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2015.
- THOMAS, O. R.; NASCIMENTO, S. **Entre a intenção e o gesto: a Conferência de Durban e a elaboração de uma pauta de demandas de políticas compensatórias no Brasil**. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt0306.pdf>. Acesso em 09 de set. de 2014.
- THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- VISCARDI, A. W.; SOTTANI, S. M. R.; SILVA, E. J. Carnaval: entre a contradição de classes e o produto midiático espetacular. **Estação Científica**, n. 09, 2013.
- WERNECK, J. **O samba segundo as lalodês: Mulheres negras e cultura midiática**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- SANTOS FILHO, J. **Ditadura militar utilizou a EMBRATUR para tentar ocultar a repressão, a tortura e o assassinato**. Instituto Zequinha Barreto, 08 maio 2008. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/084/84jsf.pdf>. Acesso em 20 de jun. de 2016.

Recebido em março de 2016

Aprovado em junho de 2016

